

EDUCAÇÃO FINANCEIRA E PRÁTICAS ECONÔMICAS: UM ESTUDO COM ALUNOS DE ADMINISTRAÇÃO DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA

**Ítalo Matheus Rocha Melo
Joseane de Carvalho Leão**

RESUMO

O presente estudo tem como finalidade o nível de educação financeira dos graduandos e analisar sua influência no manejo das finanças pessoais.. O objetivo é identificar os benefícios percebidos do planejamento financeiro pessoal, os produtos financeiros mais utilizados por esses estudantes e investigar a correlação entre a prática do planejamento financeiro e o uso efetivo desses produtos.. A relevância desta pesquisa fundamenta-se na importância crescente da educação financeira como ferramenta para a tomada de decisões conscientes, sustentáveis e alinhadas aos objetivos pessoais e profissionais. A metodologia adotada é de abordagem mista, com caráter descritivo, utilizando-se de um questionário estruturado como instrumento de coleta de dados. O questionário foi dividido em três categorias: conhecimentos sobre conceitos financeiros básicos, práticas de controle financeiro e comportamentos relacionados a gastos, poupança e investimentos. A análise dos dados demonstrou que, embora os estudantes reconheçam a importância da educação financeira, muitos ainda apresentam práticas pouco consolidadas de organização e controle financeiro. Verificou-se que os alunos que adotam o planejamento financeiro regularmente demonstram maior familiaridade com produtos financeiros e os utilizam de forma mais eficaz. Esses resultados apontam para a necessidade de inserir a educação financeira de forma sistemática nos currículos acadêmicos, contribuindo para a formação de profissionais mais preparados para lidar com questões econômicas. Além disso, a pesquisa oferece subsídios para o desenvolvimento de ações que promovam a autonomia e a responsabilidade financeira dos estudantes.

Palavras-chave: Educação Financeira, investimentos, Produtos Financeiros

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Administração da Universidade Estadual do Piauí, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Campus Poeta Torquato Neto, como requisito indispensável para a obtenção do grau de Bacharel em Administração.

Aluno do Curso de Administração. E-mail: italommelo@aluno.uespi.br
Professora Orientadora. E-mail: joseane@ccsa.uespi.br

ABSTRACT

This study aims to assess the level of financial literacy among undergraduate students and analyze its influence on personal financial management. The main objective is to identify the perceived benefits of personal financial planning, the most commonly used financial products, and to investigate the correlation between financial planning practices and the effective use of these products. The relevance of this research lies in the growing importance of financial education as a tool for making conscious, sustainable decisions aligned with personal and professional goals. The methodology adopted is of a mixed approach, with a descriptive character, using a structured questionnaire as the data collection instrument. The questionnaire was divided into three categories: knowledge of basic financial concepts, financial control practices, and behaviors related to spending, saving, and investing. Data analysis revealed that, although students recognize the importance of financial education, many still demonstrate underdeveloped practices of financial organization and control. It was found that students who engage in regular financial planning show greater familiarity with financial products and use them more effectively. These findings highlight the need to systematically integrate financial education into academic curricula, contributing to the development of professionals better prepared to deal with economic issues. Furthermore, the research provides a foundation for actions that promote students' financial autonomy and responsibility.

Keywords: Financial education. Financial planning. Financial products.

1 INTRODUÇÃO

A educação financeira é uma ferramenta imprescindível para que os indivíduos possam administrar seus recursos com discernimento e prevenir o endividamento. No contexto dos estudantes de graduação, esse conhecimento torna-se ainda mais relevante, uma vez que muitos encontram-se em fase de transição para a autonomia financeira. A ausência de preparo nesse domínio pode ocasionar gestão inadequada do dinheiro, comprometendo a obtenção de estabilidade e segurança financeira futura.

A vivência universitária impõe diversas exigências financeiras que demandam planejamento e organização. Nesse contexto, é fundamental que as instituições acadêmicas promovam a educação financeira, disponibilizando instrumentos que auxiliem os discentes na gestão eficaz dos recursos financeiros. Tal promoção contribui para a formação de sujeitos mais conscientes, independentes e aptos a enfrentar os desafios da vida adulta. Conforme ressaltam Chaves e Costa Sousa (2024), o avanço da financeirização no ensino superior intensifica as obrigações financeiras impostas aos estudantes.

Essa realidade evidencia a necessidade de incorporação sistemática da educação financeira como componente formativo essencial no ambiente acadêmico. Pesquisas indicam que os universitários brasileiros apresentam dificuldades na administração das finanças, o que frequentemente resulta em endividamento. Levantamento da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL), em parceria com o SPC Brasil, aponta que 47% dos jovens da Geração Z não adotam mecanismos de controle financeiro.

Esse dado reforça a urgência de iniciativas voltadas à promoção da instrução financeira nesse público. Além disso, destaca a importância de investigar o nível de conhecimento e as práticas financeiras dos discentes, bem como o papel da educação financeira na indução de decisões responsáveis e sustentáveis. Nesse sentido, o presente estudo objetiva preencher lacunas existentes na literatura ao analisar como a educação financeira impacta os hábitos de consumo e a qualidade de vida dos estudantes de graduação.

A pesquisa pretende contribuir para a formulação de políticas públicas e estratégias institucionais de permanência estudantil, além de aprofundar o debate acadêmico acerca da interface entre finanças pessoais e sucesso educacional. Diante desse contexto, a indagação central deste estudo é: qual o nível de educação financeira dos estudantes de graduação e analisar sua influência no manejo das finanças pessoais? Para tanto, o objetivo geral consiste

em aferir o nível de educação financeira dos graduandos e analisar sua influência no manejo das finanças pessoais.

Como objetivos específicos, estabelecem-se: identificar os benefícios percebidos do planejamento financeiro pessoal, os produtos financeiros mais utilizados por esses estudantes; e investigar a correlação entre a prática do planejamento financeiro e o uso efetivo desses produtos. A metodologia adotada é mista, com caráter descritivo, e foi aplicada junto a discentes do curso de Administração da Universidade Estadual do Piauí – Campus Torquato Neto.

A coleta de dados foi realizada por meio de questionário estruturado, dividido em três eixos temáticos: domínio de noções financeiras básicas (juros, inflação e investimentos); hábitos de controle financeiro pessoal (uso de planilhas e aplicativos); e comportamentos relacionados a gastos, poupança e endividamento. Este trabalho está organizado em seis capítulos.

A primeira secção apresenta a introdução, contemplando a contextualização, a problemática, os objetivos, a justificativa e a estrutura do estudo. A segunda aborda o referencial teórico, no qual são discutidos os principais conceitos relacionados ao planejamento financeiro. A terceira trata dos diferentes tipos de investimentos. A quarta secção detalha os procedimentos metodológicos e os instrumentos utilizados.

A quinta apresenta e analisa os resultados obtidos na pesquisa. Finalmente, a sexta secção encerra o trabalho com as considerações finais, destacando as contribuições e implicações do estudo.

2 PLANEJAMENTO FINANCEIRO

O planejamento financeiro pessoal representa uma habilidade essencial para a estabilidade econômica individual e o enfrentamento de adversidades financeiras ao longo da vida. Segundo Gitman, Joehnk e Billingsley (2014, p. 35), o planejamento financeiro consiste no processo de gerenciamento sistemático das finanças pessoais, incluindo a análise de receitas, despesas, poupança e investimentos, com o objetivo de alcançar metas de curto, médio e longo prazo.

No contexto atual, marcado por instabilidades econômicas, inflação elevada e facilidade de acesso ao crédito, o desenvolvimento de competências financeiras torna-se ainda mais relevante. Conforme assinala o Banco Central do Brasil (2021, p. 12), “o planejamento

financeiro pessoal contribui para reduzir a vulnerabilidade econômica, possibilitando o consumo consciente, a prevenção do endividamento e a construção de patrimônio de forma sustentável”.

O processo de planejamento financeiro envolve etapas bem definidas: diagnóstico da situação atual, definição de objetivos, elaboração de estratégias, execução e monitoramento contínuo (ROSS; WESTERFIELD; JORDAN, 2013). O diagnóstico inicial permite identificar padrões de consumo, dívidas acumuladas e oportunidades de reorganização financeira. A definição de metas, por sua vez, deve seguir critérios claros, realistas e mensuráveis (ASSAF NETO, 2016), pois metas bem estabelecidas facilitam o direcionamento das ações financeiras.

Contudo, a execução eficaz do planejamento depende não apenas de conhecimento técnico, mas também de aspectos comportamentais e emocionais. Segundo Shefrin (2007, p. 44), as finanças comportamentais evidenciam como fatores psicológicos, como o viés do otimismo, a impulsividade e a falta de autocontrole, podem comprometer as decisões financeiras, mesmo quando os indivíduos possuem informação adequada.

Nesse sentido, Lusardi e Mitchell (2011, p. 511) apontam que a baixa literacia financeira – ou seja, a insuficiência de conhecimentos básicos sobre juros, inflação e risco – está fortemente associada ao excesso de dívidas e à incapacidade de acumular reservas financeiras, sobretudo entre jovens adultos. Estudos empíricos realizados por Lusardi (2019) indicam que indivíduos com baixa educação financeira têm maior probabilidade de contrair dívidas caras, como crédito rotativo e cheque especial.

No Brasil, a Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF (2020) reforça a importância da formação financeira desde o ensino básico, buscando preparar cidadãos para o enfrentamento de escolhas econômicas conscientes ao longo da vida. No âmbito universitário, essa carência torna-se ainda mais visível, pois muitos estudantes assumem, pela primeira vez, a responsabilidade integral por sua gestão financeira, sem possuir formação prévia adequada (AMARAL; CONTANI, 2020).

Além disso, o ambiente digital amplia os riscos associados ao consumo impulsivo. De acordo com Gallo, Silva e Moura (2021, p. 90), o fácil acesso ao crédito online, associado ao marketing agressivo e ao imediatismo digital, potencializa decisões de compra por impulso entre jovens adultos, comprometendo o equilíbrio financeiro e dificultando a formação de patrimônio.

A literatura recente destaca, portanto, que a educação financeira no contexto universitário deve abranger não apenas a transmissão de conteúdos técnicos, mas também o desenvolvimento de competências comportamentais e de autocontrole (XIAO; O'NEILL, 2016). Como sintetiza Thaler (2016, p. 10), “as pessoas não são perfeitamente racionais em suas decisões econômicas; por isso, programas de educação financeira eficazes devem considerar tanto o conhecimento quanto o comportamento”.

No contexto universitário, a educação financeira é essencial, pois muitos jovens vivenciam pela primeira vez a responsabilidade de administrar seu próprio orçamento. Segundo o Jornal da USP(2024), a falta de planejamento financeiro é uma das principais causas do endividamento entre os jovens, resultado da ausência de educação financeira desde cedo. Isso reforça a necessidade de programas educativos que promovam hábitos conscientes e preparo para a vida financeira adulta.

Dessa forma, percebe-se que o planejamento financeiro não pode ser analisado de forma isolada, mas sim em conjunto com os comportamentos e hábitos que o sustentam. A compreensão teórica desses elementos é fundamental para a análise da realidade dos estudantes universitários, grupo que vivencia a transição para a independência financeira e, portanto, encontra-se particularmente vulnerável a decisões mal planejadas.

3 INVESTIMENTOS FINANCEIROS

De acordo com Banco Central do Brasil (2013, p.43), o investimento é a utilização de recursos próprios em determinada aplicação com a perspectiva de obter retorno futuro. O principal motivo para investir, segundo os investidores, é utilizar o capital como uma reserva que permita alcançar determinados objetivos de vida. Os investimentos podem ser divididos em renda fixa e renda variável.

3.1 Investimento em Renda Fixa

Investimentos em renda fixa são aqueles que oferecem retornos previsíveis e apresentam menor risco em comparação aos investimentos de renda variável. Exemplos de investimentos em renda fixa incluem: poupança, CDB, LCI, LCA e Tesouro Direto. O investimento em um título de renda fixa, seja de origem pública ou privada, representa um empréstimo de fundos ao emissor do título. No vencimento, o valor investido será devolvido, juntamente com os juros pagos como forma de retribuição pelo crédito. Rosa; Pinheiro, 2023, conforme citado por Martini em 2013.

A poupança é uma modalidade isenta de Imposto de Renda, bastante utilizada como reserva de emergência pela sua simplicidade e segurança (E-INVESTIDOR, 2021).

O CDB é emitido por instituições financeiras e pode ter rentabilidade prefixada, pós-fixada ou híbrida, sendo uma das formas tradicionais de captação bancária (ASSAF NETO, 2021).

As LCIs e LCAs são títulos vinculados aos setores imobiliário e agrícola, respectivamente, com isenção de IR para pessoas físicas e cobertura do FGC até R\$ 250 mil por CPF (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2023; FGC, 2022).

O Tesouro Direto é um programa do governo federal, em parceria com a B3, que permite a compra de títulos públicos por meio digital, com segurança e acessibilidade (TESOURO NACIONAL, 2023).

3.2 Investimento em Renda Variável

Os investimentos em renda variável são aqueles cujo retorno não pode ser previsto com exatidão, sendo influenciado por fatores externos, como o desempenho das empresas e os movimentos do mercado financeiro. Exemplos incluem ações e fundos imobiliários (FIIs).

Segundo o portal InfoMoney (2022), na renda variável ocorre o oposto da renda fixa: o investidor torna-se sócio do emissor e está sujeito à volatilidade do mercado, com ganhos vinculados ao crescimento e ao desempenho da empresa.

As ações representam a participação societária em empresas e proporcionam ganhos por dividendos ou valorização no mercado (ASSAF NETO, 2016; GITMAN, 2018).

Os FIIs são fundos coletivos voltados ao setor imobiliário, estruturados em cotas e regulamentados pela CVM. A administração é feita por instituições autorizadas, que garantem a divulgação de informações e o cumprimento legal (CANO, 2024, apud CVM, 2011).

3.3 Utilização de Produtos Financeiros por Jovens

Dados da ANBIMA (2022) confirmam que, entre os jovens brasileiros da Geração Z (16 a 25 anos), 34% afirmaram investir em produtos financeiros, um aumento de 8 pontos percentuais em relação aos 26% registrados em 2021. Esse crescimento indica uma maior participação dessa faixa etária no mercado financeiro, embora a maioria ainda não invista.

Apesar desse progresso, a caderneta de poupança permanece como o instrumento financeiro mais recorrente em todas as faixas etárias, ainda que com variações nos níveis de adesão. No caso da Geração Z, o índice é de 16%, revelando uma inclinação por opções como criptoativos e papéis do mercado acionário.

4. METODOLOGIA

A investigação em questão adota uma abordagem metodológica de caráter misto, combinando estratégias quantitativas e qualitativas, com ênfase descritiva. Conforme destaca Gil (2008), os estudos descritivos têm como finalidade principal retratar as características de um determinado grupo ou fenômeno, bem como estabelecer correlações entre variáveis. O autor também salienta que esse tipo de pesquisa vai além da simples apresentação de dados, buscando interpretar, compreender e analisar os fatos observados. Nesse sentido, a opção por uma abordagem mista possibilita uma apreensão mais completa da realidade pesquisada, ao unir a precisão dos dados numéricos à profundidade analítica das informações qualitativas. Como afirma Gil (2008, p. 42), “a combinação de métodos quantitativos e qualitativos tende a proporcionar uma visão mais abrangente e confiável do fenômeno estudado”.

A pesquisa foi aplicada a alunos do curso de Administração da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), campus Torquato Neto, especificamente aqueles matriculados nos 1º, 2º e 3º períodos da graduação. A escolha por essa delimitação se deu em função da relevância de investigar conhecimentos e comportamentos financeiros em uma etapa inicial da formação acadêmica, fase em que os estudantes estão em processo de desenvolvimento de autonomia e pensamento crítico. A amostragem foi do tipo não probabilística por conveniência, conforme preconizado por Gil (2008), sendo esta uma estratégia comum em estudos descritivos e exploratórios devido à facilidade de acesso ao público-alvo. Os critérios de inclusão contemplaram estudantes devidamente matriculados nos três primeiros períodos e que concordaram em participar voluntariamente da pesquisa.

A obtenção dos dados ocorreu ao longo do mês de maio de 2025, por intermédio da aplicação de um questionário estruturado disponibilizado via Google Forms. Tal instrumento contemplava questões tanto de natureza fechada quanto dissertativa, distribuídas em três núcleos temáticos: (1) assimilação de fundamentos elementares de finanças, como juros, inflação e modalidades de investimento; (2) práticas de administração financeira individual, abrangendo o uso de recursos como planilhas, aplicativos e anotações manuais; e (3) conduta

financeira, incluindo posturas frente a despesas, economias e endividamentos. A variedade nas tipologias das questões visou apreender aspectos tanto objetivos quanto subjetivos da interação dos respondentes com suas finanças pessoais.

O link do formulário foi compartilhado por meios acessíveis aos estudantes, como o e-mail institucional e grupos de WhatsApp, buscando ampliar o alcance e estimular o engajamento dos respondentes. A divulgação respeitou os princípios éticos da pesquisa científica, garantindo anonimato e participação voluntária.

As respostas às questões fechadas foram analisadas e organizadas possibilitando a elaboração de gráficos e tabelas que evidenciam frequências, padrões e tendências nos dados. As informações obtidas nas perguntas abertas foram examinadas com base na técnica de análise de conteúdo. Segundo Bardin (2016), essa metodologia permite uma sistematização interpretativa dos dados textuais, favorecendo a identificação de percepções, valores e significados expressos pelos participantes.

Assim, a metodologia aplicada nesta pesquisa foi cuidadosamente planejada para oferecer um panorama detalhado e fundamentado sobre o nível de conhecimento e as práticas financeiras dos estudantes de Administração nos primeiros períodos da graduação. O estudo busca, assim, contribuir para o entendimento do grau de alfabetização financeira entre os universitários e oferecer subsídios para futuras ações educativas no contexto acadêmico.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

5.1. Perfil dos Respondentes e Contextualização

A pesquisa foi conduzida com 15 estudantes dos primeiros períodos (1º, 2º e 3º) do curso de Administração da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) – campus Torquato Neto. O objetivo foi avaliar o nível de educação financeira dos discentes, suas práticas de controle e planejamento financeiro, além do grau de familiaridade com produtos e conceitos relacionados às finanças. A análise da amostra indicou que a maioria dos participantes está na faixa etária de 18 a 24 anos, com predominância das idades de 19 e 20 anos, que juntas correspondem a mais da metade dos respondentes.. Além disso, observou-se uma predominância do gênero feminino, que corresponde a 73,3% dos participantes, o que reflete a crescente participação das mulheres no ensino superior brasileiro, especialmente em áreas sociais e administrativas (LUSARDI; MITCHELL, 2011).

É importante destacar que aproximadamente 60% dos alunos exercem alguma atividade remunerada, fator que pode exercer influência direta na vivência prática dos conceitos financeiros. Segundo Gitman, Joehnk e Billingsley (2014), a experiência direta com a gestão de recursos financeiros, mesmo que em pequena escala, contribui para o desenvolvimento de habilidades e percepção crítica sobre finanças pessoais.

Tabela 1 - Perfil dos Respondentes da Pesquisa

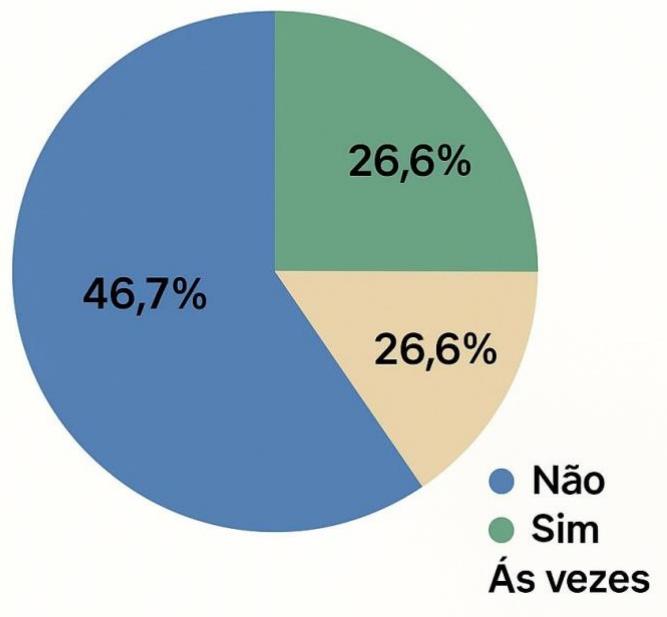
Variável	Categoria	Frequência (%)
Idade	18 anos	26.7
	19 anos	26.7
	20 anos	26.7
	21 anos	13.3
	24 anos	13.3
	27 anos	6.7
Sexo	Masculino	26.7
	Feminino	73.3
Atividade Remunerada	Sim	60.0
	Não	40.0
Período do Curso	1º período	46.7
	2º período	26.6
	3º período	26.6

Fonte: Pesquisa Direta, 2025

5.2 Planejamento e Controle Financeiro: Hábitos e Ferramentas

Ao investigar os hábitos financeiros dos estudantes, o levantamento indicou que 46,7% deles não realizam o acompanhamento regular de receitas e despesas, e 26,6% o fazem apenas ocasionalmente. Este dado é preocupante, pois o planejamento e o controle financeiro pessoal são fundamentais para a manutenção da saúde econômica individual (ROSS; WESTERFIELD; JORDAN, 2013). A ausência de monitoramento constante pode resultar em desequilíbrios financeiros e dificuldade em identificar gastos desnecessários, situação que compromete a estabilidade financeira e aumenta o risco de endividamento.

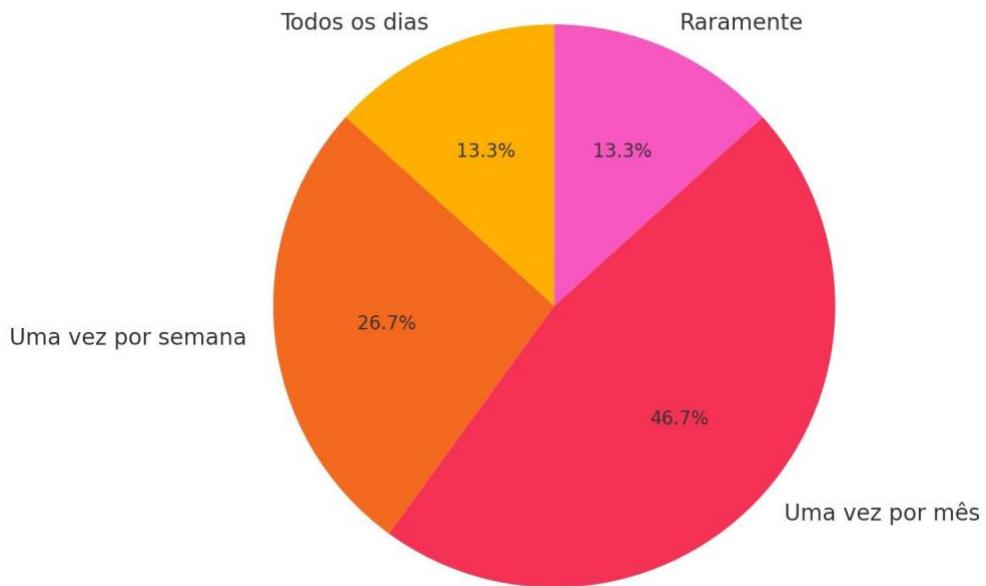
Gráfico V. Você faz acompanhamento do seu fluxo de entradas (renda) e saídas (despesas)?



Fonte: Pesquisa Direta, 2025

No que diz respeito à frequência de revisão das finanças, apenas 13,3% dos estudantes realizam essa atividade diariamente e 26,7% semanalmente. A maior parte (46,7%) revisa suas finanças mensalmente, e uma parcela significativa (13,3%) faz isso raramente. Esta periodicidade mais espaçada pode prejudicar a capacidade de identificar desvios no orçamento em tempo hábil. Conforme destaca Assaf Neto (2016), o acompanhamento sistemático das finanças é essencial para a correção de rumos e o alcance dos objetivos financeiros.

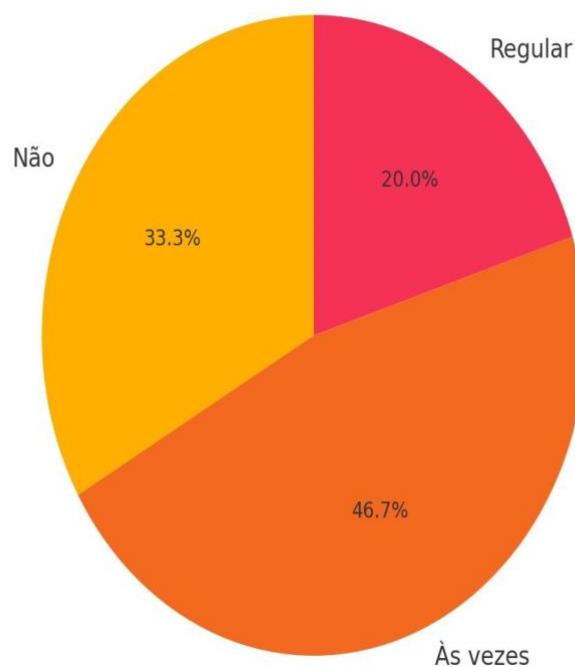
Gráfico VII - Frequência de revisão financeira



Fonte: Pesquisa Direta, 2025

Quanto à prática da poupança, mais de 30% dos estudantes afirmaram realizar depósitos regulares, enquanto quase 50% indicaram que pouparam esporadicamente. Essa irregularidade demonstra uma fragilidade significativa na formação do hábito de poupar, fundamental para o

Gráfico VI - Hábito de poupar

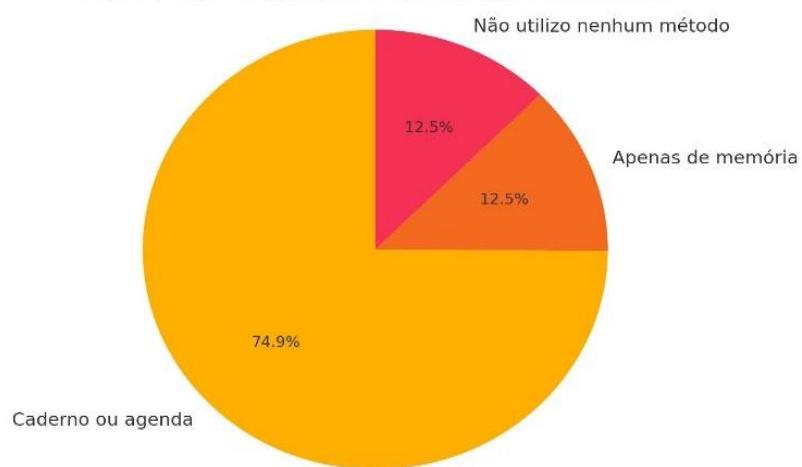


desenvolvimento da autonomia financeira (LUSARDI; MITCHELL, 2011). A poupança sistemática é apontada por diversos autores como um passo primordial para a construção de reservas financeiras e para a preparação frente a imprevistos econômicos.

Fonte: Pesquisa Direta, 2025

As ferramentas utilizadas para o controle das finanças também indicam limitações. A maioria (74,9%) utiliza cadernos ou agendas tradicionais para registrar receitas e despesas, enquanto 12,5% contam apenas com a memória e outros 12,5% não adotam qualquer método de controle. Surpreendentemente, nenhuma menção foi feita ao uso de aplicativos digitais ou planilhas eletrônicas, recursos recomendados pelo Banco Central do Brasil (2023), que têm demonstrado efetividade na melhora do monitoramento financeiro pessoal. A dependência de métodos informais pode levar a falhas na organização financeira e comprometimento na tomada de decisões (ROSS; WESTERFIELD; JORDAN, 2013).

Gráfico VIII - Ferramentas de controle financeiro



Fonte: Pesquisa Direta, 2025

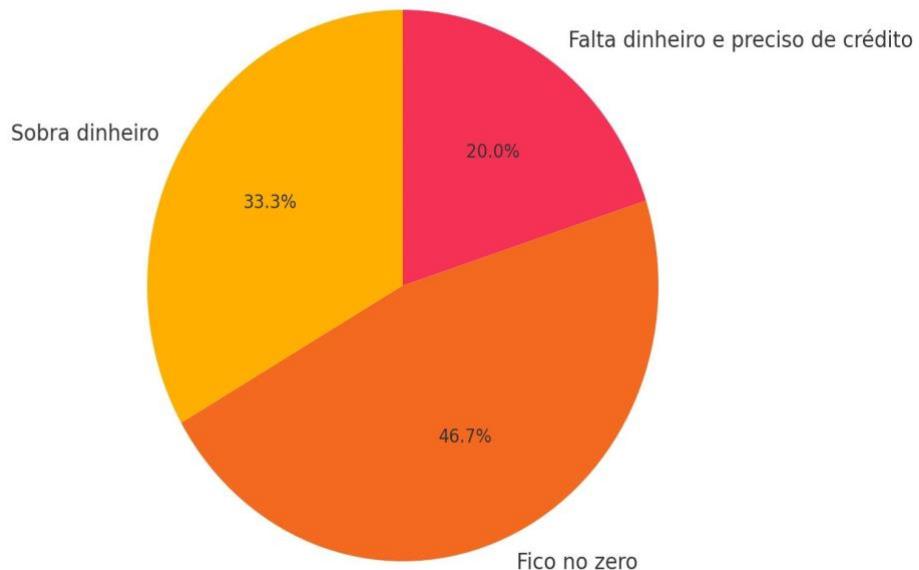
5.2 Situação Financeira Mensal e Impactos no Comportamento

Ao questionar sobre a situação financeira ao fim do mês, quase metade dos estudantes declarou que suas receitas e despesas se equilibram, e 20% afirmaram que faltam recursos, obrigando-os a recorrer ao crédito. Esta realidade revela uma gestão financeira precária que,

conforme Lusardi e Mitchell (2011), pode levar a ciclos de endividamento e fragilizar a saúde financeira pessoal e familiar.

Por outro lado, 33,3% dos estudantes relatam ter sobras financeiras mensais, o que permite a possibilidade de poupança e investimento. Essa pequena parcela demonstra que, apesar das dificuldades gerais, alguns estudantes conseguem manter um controle financeiro mais saudável, o que está associado à adoção de hábitos financeiros disciplinados (GITMAN et al., 2014).

Gráfico IX - Situação financeira ao final do mês

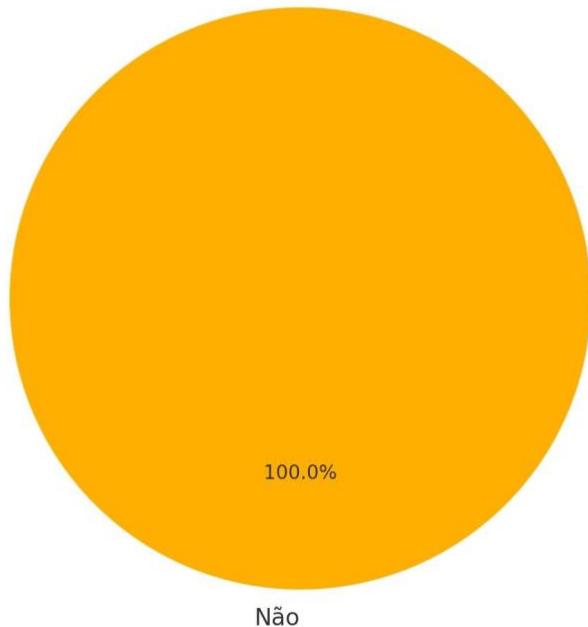


Fonte: Pesquisa Direta, 2025

5.4 Educação Financeira Formal e Autopercepção Financeira

Um dado alarmante é que 100% dos participantes afirmaram não ter recebido formação formal em educação financeira durante sua trajetória acadêmica. Essa ausência reflete uma lacuna importante na formação dos estudantes de Administração, que, por sua futura atuação profissional, deveriam ser capacitados para lidar com finanças pessoais e corporativas (ASSAF NETO, 2016).

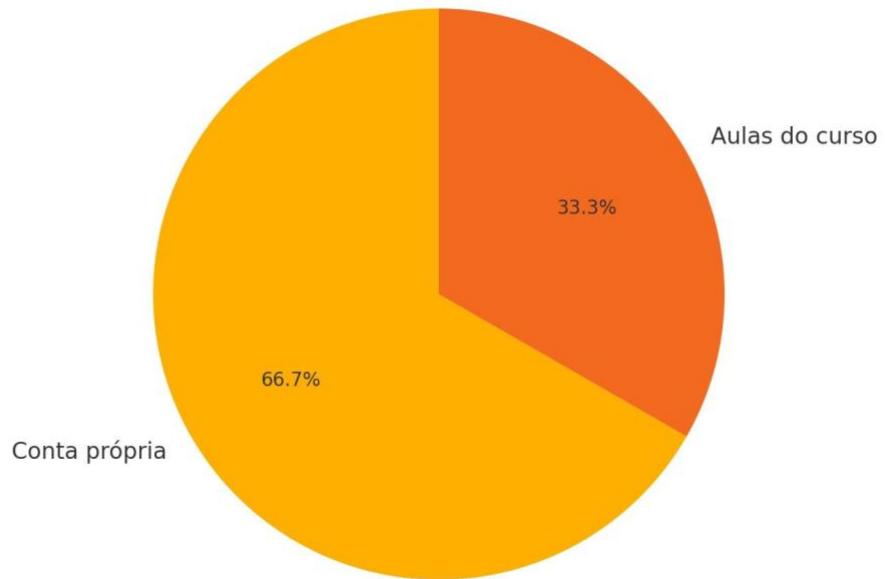
Gráfico X - Formação em educação financeira



Fonte: Pesquisa Direta, 2025

Apesar da falta de ensino formal, 66,7% dos alunos buscaram aprender por conta própria sobre investimentos e finanças, valendo-se de recursos informais, como vídeos e artigos online. Embora essa iniciativa seja positiva, pode carecer de fundamentação técnica e orientação adequada, ressaltando a necessidade de oferta curricular estruturada (XIAO; O'NEILL, 2016).

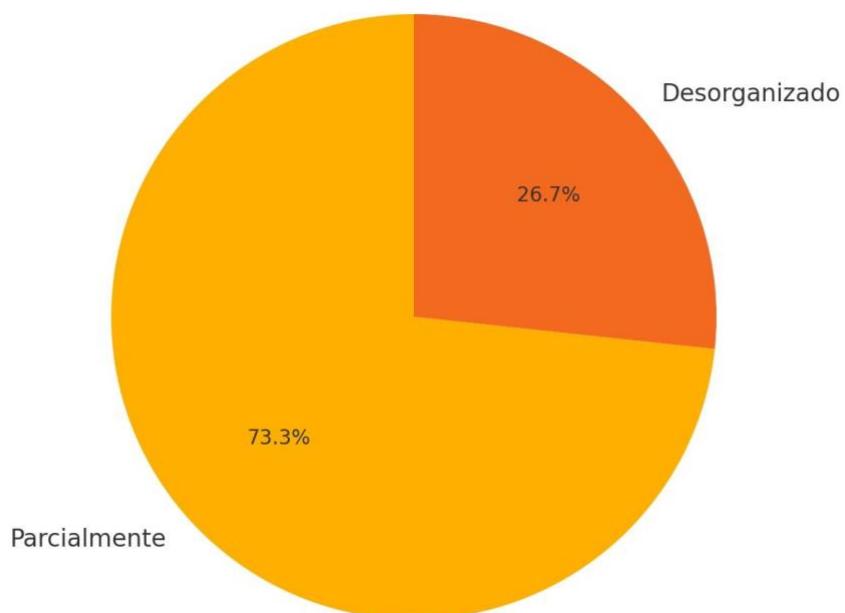
Gráfico XI - Fonte de conhecimento em finanças



Fonte: Pesquisa Direta, 2025

Quanto à percepção sobre sua própria organização financeira, nenhum estudante se considera totalmente organizado, com 73,3% avaliando-se como parcialmente organizados e 26,7% como desorganizados. Essa autocrítica evidencia a baixa confiança dos alunos no controle de suas finanças e a importância de estratégias educacionais que promovam a melhoria dessa percepção (LUSARDI; MITCHELL, 2011).

Gráfico XII - Nível de organização

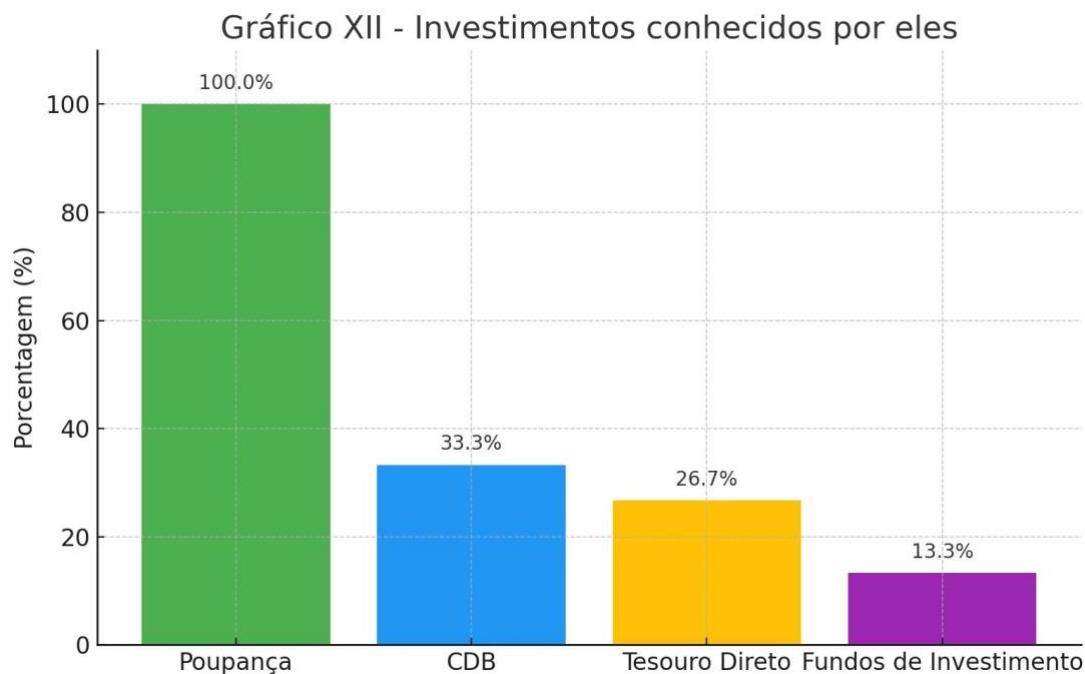


Fonte: Pesquisa Direta, 2025

5.5.Familiaridade com Produtos Financeiros e Perfil Investidor

Os dados apontam que todos os estudantes conhecem a poupança, enquanto 33,3% conhecem o CDB, 26,7% o Tesouro Direto e apenas 13,3% os fundos de investimento. Esta preferência pela poupança está alinhada com os resultados da ANBIMA (2022), que indicam que a poupança é o produto financeiro mais utilizado pelos jovens brasileiros, apesar de apresentar baixo rendimento real.

Nenhum dos estudantes relatou ter realizado investimentos na prática, o que pode ser atribuído à falta de conhecimento aprofundado, ao receio do risco ou à restrição de recursos financeiros (SHEFRIN, 2007; THALER, 2016). Este perfil conservador evidencia a



necessidade de um ensino financeiro que incentive o entendimento e a experimentação segura dos diferentes produtos de investimento.

Fonte: Pesquisa Direta, 2025

5.6 Respostas Discursivas: Expectativas e Demandas dos Estudantes

As respostas qualitativas confirmam o reconhecimento da importância da educação financeira pelos alunos. Destacaram que o conhecimento em finanças é essencial para o controle

dos gastos, prevenção de dívidas e preparação para a vida futura. Além disso, todos manifestaram o desejo pela inserção de conteúdos práticos e aplicáveis no curso de Administração, destacando a necessidade de desenvolver responsabilidade financeira e preparar-se adequadamente para o mercado de trabalho, como reforçam Gitman, Joehnk e Billingsley (2014).

Quadro - Respostas à Questão 18: Importância da Educação Financeira

Participante	Resposta
Participante 1	Sim, porque ajuda a controlar os gastos.
Participante 2	Sim, para evitar dívidas e aprender a economizar.
Participante 3	Sim, pois é essencial para a vida adulta.
Participante 4	Sim, porque prepara para lidar com o dinheiro.
Participante 5	Sim, facilita a organização financeira.
Participante 6	Sim, ajuda no planejamento futuro.
Participante 7	Sim, é importante para tomar decisões conscientes.
Participante 8	Sim, contribui para o bem-estar financeiro.
Participante 9	Sim, para ter mais autonomia financeira.
Participante 10	Sim, educação financeira é fundamental.
Participante 11	Sim, evita gastos desnecessários.
Participante 12	Sim, melhora o controle pessoal das finanças.
Participante 13	Sim, deveria ser ensinada desde cedo.
Participante 14	Sim, promove responsabilidade com o dinheiro.
Participante 15	Sim, ajuda a administrar o orçamento pessoal.

Fonte: Pesquisa Direta, 2025

Quadro - Respostas à Questão 19: Inclusão de Conteúdo Prático no Curso

Participante	Resposta
Participante 1	Sim, porque conteúdos práticos ajudam na vida real.
Participante 2	Sim, seria bom aplicar na prática o que se aprende.
Participante 3	Sim, falta aplicação real no curso.
Participante 4	Sim, tornaria o curso mais útil.
Participante 5	Sim, ajudaria a lidar com a vida financeira pessoal.
Participante 6	Sim, aumenta a preparação para o mercado de trabalho.
Participante 7	Sim, a prática fortalece o aprendizado.
Participante 8	Sim, o conteúdo prático é essencial.
Participante 9	Sim, falta orientação prática no curso.
Participante 10	Sim, tornaria a aprendizagem mais completa.
Participante 11	Sim, ajudaria a controlar melhor os próprios gastos.
Participante 12	Sim, facilitaria o entendimento do conteúdo.
Participante 13	Sim, seria bom aprender a investir na prática.
Participante 14	Sim, a prática facilita a fixação dos conceitos.
Participante 15	Sim, seria um diferencial para o curso.

Fonte: Pesquisa Direta, 2025

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação evidenciou, de maneira inequívoca, que o grau de domínio financeiro dos discentes do curso de Administração da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) revela-se aquém do necessário para assegurar práticas econômicas conscientes e sustentáveis. Embora haja quase unanimidade quanto à relevância do planejamento financeiro individual, observou-se que as ações concretas voltadas à organização, ao controle e aos investimentos ainda se mostram incipientes — reflexo direto da carência de uma formação sistematizada nesse campo.

As informações coligidas indicam que a maioria dos estudantes encontra-se em uma fase embrionária de transição para a autonomia financeira, circunstância que exige maior aparato técnico e cognitivo para gerir seus próprios recursos. No entanto, verificou-se que tal preparo não tem sido devidamente promovido no âmbito acadêmico, considerando que a totalidade dos participantes declarou jamais ter tido acesso a uma instrução formal em finanças.

Essa lacuna configura-se como um empecilho considerável à edificação de competências cruciais para a administração eficaz do orçamento pessoal.

Ademais, a análise revelou que, embora alguns estudantes demonstrem iniciativa em buscar conhecimento de maneira autodidata — sobretudo por meio de mídias digitais como vídeos e redes sociais — tais estratégias informais não têm sido suficientemente eficazes para preencher os hiatos conceituais e operacionais. Tal deficiência manifesta-se, por exemplo, na dificuldade em assimilar o conceito de investimento e na ausência de familiaridade com instrumentos financeiros mais complexos. A prevalência do uso de métodos rudimentares, como anotações em cadernos ou a simples memorização, reforça essa limitação, evidenciando desconhecimento ou resistência quanto ao uso de tecnologias que poderiam otimizar o gerenciamento das finanças pessoais.

Outro ponto de destaque é a influência do planejamento financeiro sobre o comportamento dos estudantes. Aqueles que cultivam o hábito de acompanhar suas finanças e revisar periodicamente entradas e saídas demonstram maior aptidão para gerar excedentes mensais e evitar o endividamento. Por outro lado, a parcela que negligencia tal monitoramento revela-se mais suscetível a desequilíbrios econômicos que comprometem sua estabilidade e bem-estar. Esse achado reforça a tese de que o planejamento constitui um alicerce fundamental para o exercício pleno da independência financeira, sobretudo em um momento de transformação acadêmica e pessoal.

Diante disso, a pesquisa sinaliza a premente necessidade de incorporação da educação financeira como componente curricular obrigatório e estruturado nos cursos de nível superior, com especial ênfase na graduação em Administração. A inserção de conteúdos teóricos, articulados a práticas pedagógicas que estimulem o uso de ferramentas tecnológicas, simulações e atividades de planejamento, pode contribuir substancialmente para a formação de profissionais mais aptos e seguros na gestão de suas finanças pessoais, refletindo positivamente também em suas futuras responsabilidades profissionais.

Além disso, é imperioso fomentar uma cultura institucional que valorize a autonomia financeira desde os períodos iniciais do curso, atenuando inseguranças e despertando maior interesse pela condução responsável dos próprios recursos. Essa estratégia educacional, aliada a diretrizes acadêmicas mais abrangentes, possui o potencial de irradiar efeitos positivos não apenas sobre os discentes, mas também sobre a coletividade universitária e a sociedade em

geral, na medida em que contribui para a formação de indivíduos mais lúcidos e preparados frente aos desafios da contemporaneidade econômica.

Finalmente, cumpre reconhecer que esta pesquisa possui delimitações, especialmente no que concerne ao tamanho exíguo da amostra e à circunscrição a um único campus universitário. Sugere-se, portanto, que futuras investigações ampliem o escopo para diferentes instituições e contextos regionais, viabilizando uma compreensão mais ampla e comparativa sobre a temática. Adicionalmente, estudos longitudinais que acompanhem os efeitos de intervenções pedagógicas em educação financeira poderão oferecer subsídios valiosos à elaboração de estratégias educacionais mais eficazes.

Em suma, este estudo reitera a importância da instrução financeira como instrumento indispensável para o desenvolvimento integral dos universitários. Promover essa capacitação desde a graduação é fomentar a formação de sujeitos mais conscientes, autônomos e capazes de tomar decisões prudentes, enfrentando os desafios do mercado com maior resiliência e assegurando sua sustentabilidade econômica e qualidade de vida ao longo da trajetória.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, A.; CONTANI, A. Educação financeira e o ambiente universitário: desafios e perspectivas. *Revista de Educação Financeira*, v. 8, n. 2, p. 45-60, 2020.
- ANBIMA – Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais. Perfil do Investidor Brasileiro 2022. São Paulo: ANBIMA, 2022. Disponível em: <https://www.anbima.com.br>. Acesso em: 20 jun. 2025.
- ASSAF NETO, A. Mercado financeiro. 14. Ed. São Paulo: Atlas, 2016. ASSAF NETO, A. Renda fixa: teoria e prática. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2021. BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Relatório de Educação Financeira 2021. Brasília, DF: Banco Central do Brasil, 2021.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Glossário de Investimentos. Brasília, DF: Banco Central do Brasil, 2023.

CANÔ, M. Administração de fundos imobiliários. In: LIANG, A. (Org.). Investimentos imobiliários no Brasil. São Paulo: Finance Books, 2017.

COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS – CVM. Instrução CVM nº 472, de 31 de outubro de 2008. Regulamenta os fundos de investimento. Diário Oficial da União, Brasília, 2008.

COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS – CVM. Instrução CVM nº 476, de 16 de janeiro de 2009. Dispõe sobre a oferta pública de distribuição de valores mobiliários. Diário Oficial da União, Brasília, 2009.

GALLO, M.; SILVA, R.; MOURA, T. Consumo impulsivo e crédito digital: riscos e desafios para os jovens adultos. Revista Brasileira de Finanças Comportamentais, v. 5, n. 1, p. 80-95, 2021.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GITMAN, L. J.; JOEHNK, M. D.; BILLINGSLEY, R. S. Fundamentos de administração financeira. 13. Ed. São Paulo: Pearson, 2014.

GITMAN, L. J.; ZUTTER, C. J. Princípios de administração financeira. 14. Ed. São Paulo: Pearson, 2018.

JORNAL DA USP. Falta de planejamento financeiro contribui para endividamento de jovens. São Paulo, 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/noticias/falta-de-planejamento-financeiro-jovens/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. Financial literacy and retirement planning: New evidence from the Rand American Life Panel. Journal of Pension Economics and Finance, v. 10, n. 4, p. 509-525, 2011.

LUSARDI, A. Financial literacy and the need for financial education: Evidence and implications. Swiss Journal of Economics and Statistics, v. 155, p. 1-8, 2019.

MARTINI, R. Investimentos em renda fixa: fundamentos e práticas. São Paulo: Editora Futura, 2013.

PORTAL E-INVESTIDOR. Caderneta de poupança: um investimento seguro e acessível. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.einvestidor.com.br/poupanca/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

ROSS, S. A.; WESTERFIELD, R. W.; JORDAN, B. D. Fundamentos de administração financeira. 10. Ed. São Paulo: Atlas, 2013.

SECRETARIA DO TESOURO NACIONAL. Tesouro Direto: investimento acessível e seguro. Brasília, DF, 2023. Disponível em: <https://www.tesouro.fazenda.gov.br/tesouro-direto>. Acesso em: 20 jun. 2025.

SHEFRIN, H. Behavioral finance: Understanding the social, cognitive, and economic debates. Oxford: Oxford University Press, 2007.

THALER, R. H. Misbehaving: The making of behavioral economics. New York: W.W. Norton & Company, 2016.

XIAO, J. J.; O'NEILL, B. Consumer financial education and financial capability. International Journal of Consumer Studies, v. 40, n. 6, p. 712-721, 2016.

APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO

1. Qual a sua idade?

2. Gênero:

Masculino

Feminino

3. Você exerce alguma atividade remunerada atualmente?

Sim

Não

4. Em qual período do curso de Administração você está matriculado?

1º

2º

3º

5. Você faz acompanhamento do seu fluxo de entradas (renda) e saídas (despesas)?

Sim

Não

As vezes

6. Você tem o hábito de poupar parte da sua renda mensalmente?

Regularmente

As vezes

Não

7. Com que frequência você registra ou revisa seus dados financeiros? Todos os dias

Uma vez por semana

Uma vez por mês

Raramente

Nunca

8. Você utiliza alguma ferramenta para controlar seu dinheiro? (marque as que se aplicam)

Planilhas eletrônicas

Aplicativos de finanças pessoais

Caderno ou agenda

Apenas de memória

Outro

Não utilizo nenhum método

9. Ao final do mês, geralmente:

Sobra dinheiro

Fico no zero

Falta dinheiro e preciso recorrer a crédito/empréstimos

10. Você já teve alguma formação em educação financeira (escola, faculdade, cursos etc.)?

Sim

Não

11. Você se considera uma pessoa organizada financeiramente?

Sim

Não

Parcialmente

12. Você sabe quanto gasta, em média, com lazer, alimentação, transporte e outras categorias?

Sim

Não

Tenho uma noção

13. Você já teve algum tipo de contato com o tema “investimentos”?

Sim, por meio de aulas no curso

Sim, por conta própria (livros, vídeos, internet etc.)

14. O que você entende por investimento financeiro?

Guardar dinheiro para uso posterior

Aplicar valores com o objetivo de obter lucro ou retorno

Nunca tive contato com o tema

Não tenho certeza

15. Você já investiu seu dinheiro em alguma modalidade?

Sim

Não

16. Se respondeu “sim”, qual foi o tipo de investimento utilizado?

17. Quais dos investimentos abaixo você conhece ou já ouviu falar? (marque os que se aplicam)

Poupança

CDB

Tesouro direto

Fundos de investimento

Ações

Nenhum

18. Qual você acredita ser a importância da educação financeira na vida acadêmica e pessoal dos estudantes universitários?
19. Em sua opinião, o curso de Administração deveria oferecer mais conteúdos práticos sobre finanças pessoais e investimentos? Por quê

Você leu e compreendeu as informações acima, e concorda voluntariamente em participar desta pesquisa?

Concordo

Não concordo